HIP-HOP E TERRITORIALIDADE
As batalhas de rima como práticas formativo-musicais de reexistência

Comunicação

GTE 05: Educação Musical e Relações Étnico-raciais

Ana Clara da Silva Ponciano
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
claraponciano9@gmail.com

Mário André Wanderley Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mario.andre@ufrn.br

Resumo: Esta comunicação apresenta um recorte de uma dissertação de mestrado que investigou a dimensão formativo-musical do hip-hop a partir da Batalha do Nova, em Natal/RN. O objetivo é compreender como as batalhas de rima constituem práticas musicais de reexistência, produzindo territorialidades, pertencimento e formação entre juventudes periféricas. A pesquisa, de abordagem qualitativa e inspiração etnográfica, utilizou observação participante, diário de campo, levantamento documental e entrevistas semiestruturadas. Os resultados evidenciam que a ocupação da praça pela batalha ressignifica o espaço público como território de produção cultural, aprendizagem musical, afirmação identitária e resistência às desigualdades sociais. Argumenta-se que as batalhas de rima configuram contextos formativo-musicais nos quais música, território e reexistência se articulam na construção de trajetórias juvenis.

Palavras-chave: Hip-hop, territorialidade, formação musical.

Introdução

O movimento hip-hop, em sua trajetória, se consolidou como um espaço de resistência cultural, política e territorial de jovens negros e negras periféricos, mobilizando-se enquanto um vetor para a luta contra as opressões vivenciadas por esses sujeitos, tendo um propósito, destacado no trabalho pioneiro de: “canalizar energias que poderiam estar voltadas à criminalidade centralizando-as na produção artística” (Andrade, 1999, p. 86).

Este trabalho consiste em um recorte de dissertação de mestrado que teve como fenômeno estudado a Batalha do Nova, situada no conjunto Nova Natal, no bairro Lagoa Azul, na região periférica da Zona Norte da cidade de Natal-RN. A partir do objetivo de compreender

os processos de formação sociopolítica e musical imbricados nesse contexto, a pesquisa revelou como os jovens *hip-hoppers* atuantes na batalha, produziam relações de pertencimento e vínculo com o local, por meio de suas experiências com o rap. Dessa maneira, neste texto, trazemos aspectos sobre territorialidades e o movimento hip-hop por meio de um debate interseccional e crítico, a fim de corroborar para a dimensão dessa manifestação enquanto prática musical situada e significativa para a trajetória de juventudes periféricas.

Historicamente, a formação e transformações da cultura hip-hop, no curso da história, culminaram para a compreensão de seu caráter político, engajado e de resistência em uma realidade social subalterna. As linguagens do movimento: o MC, o DJ, o *b-boy* e a *b-girl* e o grafitti contemplam não só a dimensão cultural, mas a de reconhecimento, uma vez que o hip-hop passa de um somente uma expressão artística para "[...] uma força positiva, uma filosofia de vida" (Silva, 2018, p. 44).

Ao vincular-se à prática de jovens ativistas periféricos, o movimento se revela como um instrumento para a tomada de consciência e mobilização política para a mudança de suas realidades. Dessa maneira, ao pensar a ocupação territorial por meio do hip-hop, devemos entendê-la a partir da formação de vínculos, afetividade e produção simbólica. Seja no contexto de gênese do movimento, como na sua trajetória no cenário brasileiro, a cultura hip-hop representa, em sua maioria, um público com demandas semelhantes em ambas realidades: jovens periféricos em situação de precariedade que vivenciaram inúmeras formas opressões, abuso de poder e outras violências, assim "representava, em sua essência, o povo negro nos contextos urbanos, por suas letras carregadas de sentido étnico e de pertencimento" (Silva, 2018, p. 51).

No contexto desta pesquisa, como cultura urbana, o movimento hip-hop se vincula às regiões periféricas da cidade de Natal-RN, representando a realidade das juventudes subalternas, residentes, majoritariamente, nas zonas Norte e Oeste do município. Desse modo, para compreender os processos formativo-musicais dentro das batalhas de rima, é imprescindível trazer um panorama da conjuntura das periferias natalenses, ressaltando sua formação social como estratégia política de segregação das camadas populares e afastamento do centro da cidade (Rocha, 2018).

Nesse sentido, foi por meio desse processo estrutural que formou-se também o imaginário social das periferias e consequente de seus moradores e a reprodução de uma violência, como um lugar de desordem urbana, criminalidade e violência (Silva, 2020, p. 153). O bairro de Lagoa Azul, localizado na Zona Norte, é o mais distante geograficamente do centro da cidade, sendo um dos primeiros a ser entregue no processo de urbanização desenfreado na década de 1980 (Bentes Filho; Pinho, 2017).

As condições de precariedade enfrentadas pela população ao residirem em localidades estigmatizadas pela segregação territorial, aprofundaram a desigualdade social e o preconceito vivenciados nas periferias. As batalhas de rap, atuam, como vetores para uma reformulação de trajetórias permeadas pela constante violência sistêmica e projetada na formação da cidade (Neto, 2013) e os *hip-hoppers* tomam como compromisso em suas rimas na apropriação de seus territórios, reconhecendo seu pertencimento local e fortalecendo a cultura hip-hop como instrumento de mudança.

O movimento hip-hop como prática territorial à luz da interseccionalidade

O movimento atua como vetor para discutir não só aspectos da ocupação e resistência territorial, como também, se destaca por sua leitura interseccional que mobiliza categorias e marcadores sociais da diferença. Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), contribuem nessa reflexão, ao compreenderem o entrelaçamento entre o hip-hop e a teoria da interseccionalidade, à luz da política identitária. Assim, dissertam que, no contexto das batalhas de rap, sobretudo, por se tratar de um espaço coletivo, há uma ligação entre as narrativas identitárias juvenis e as narrativas da interseccionalidade, ao passo que, por meio do compartilhamento de diferentes experiências de opressão, as batalhas se expressam como locais de cura dessas feridas.

Portanto, o rap, como principal meio de expressão e reivindicação de identidades individuais e coletivas, é lido com atravessamentos de classe, raça, gênero, cidadania, etc., bem como, atua contestando problemáticas e dilemas sociais e fomentando um comportamento social e político engajado e consciente (Collins; Bilge, 2020, p. 194).

Orientando a análise do hip-hop à luz da interseccionalidade, Crenshaw (1989, 1991), contribui para evidenciar como o movimento articula as relações de pertencimento social e

as experiências juvenis, dentro dessa perspectiva que considera a confluência de marcadores sociais da diferença, combinados de maneiras específicas. Assim, o hip-hop é "um movimento simultaneamente político, artístico, educacional e cultural, atravessado por questões de gênero, presença negra e luta por paridade social em todos os sentidos" (Pereira; Fischer, 2023, p. 2).

O contexto social e territorial são pensados, então, de modos inseparáveis às experiências de jovens ativistas do movimento. Ao vincular a discussão do campo da territorialidade com a perspectiva de análise interseccional, é possível compreender a afirmação das identidades culturais e periféricas. Quando jovens utilizam do espaço das batalhas de rap para validarem suas lutas, denotam que o "[...] o *rap* é uma poderosa forma de expressão pessoal, pela qual se reivindica uma voz que enfatiza a identidade individual (Collins; Bilge, 2020, p. 191),

Essa reivindicação se manifesta individualmente e coletivamente, uma vez que os MCs expressam não só o seu discurso em forma de rima, mas também, movem práticas de existência e reexistência local, revelados no reuso e reformulação do espaço público. Na história do movimento, essa experiência é evidenciada, destacando como a atuação de *hip-hoppers* se revela como um exercício democrático e de produção territorial.

> Tanto os mais consagrados quanto os aspirantes tinham espaço para participar das batalhas, ou seja, o pátio do metrô era um espaço público e os jovens ali faziam usufruto desse direito. Era um espaço democrático, todos podiam participar. Era um espaço de troca de informações, troca de material e configurava-se, portanto, como espaço de socialização (Silva, 2018, p. 57).

Para Haesbaert (2004), os territórios são entendidos, a partir da concepção de multiterritorialidade, enquanto redes que atuam indissociavelmente entre o domínio material e a apropriação simbólica. Nesse sentido, quando vinculamos essa perspectiva ao hip-hop entendemos como a ocupação do espaço físico perpassa por relações de afetividades, vínculos e simbolismos, assim, ressaltando um conjunto de práticas pelas quais os jovens habitam/ocupam e dão sentido ao lugar (Pinheiro, 2020).

Magnani (2013; 2016), apresenta a categoria de "*pedaço"* para representar um espaço de sociabilidade, dotado de regras e códigos de conduta que expressam relações de

pertencimento. Para o autor, é nas trocas e encontros que os sujeitos tornam-se pertencentes ou não àquele espaço, assim, no contexto do hip-hop, podem existir normas e/ou um discurso que fundamentam a sua organização como movimento identitário e orientam a participação e/ou aceitação de pessoas nele, assemelhando-se à realidade de grupos como torcidas organizadas, de futebol, dentre outros (Magnani, 2016, p. 188).

Desse modo, ao articular as perspectivas emancipatórias do hip-hop com o fortalecimento de identidades juvenis e suas dinâmicas com o local que ocupam, entendemos como as práticas culturais envoltas no movimento, mostram o seu compromisso musical e narrativo de jovens negros, bem como da resistência cultural, afirmando-se como cultura marginal, com forte poder de linguagem e de resistência (Rose, 1994)

Metodologia

A pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como método o estudo de caso do tipo etnográfico (Larchert, 2017), atrelado à perspectivas da Etnografia de Rua (Eckert; Rocha, 2003), de modo a compreender as dinâmicas envoltas no processo investigativo e de inserção no campo, destacando, como a etnografia permitiu observar as vivências e as interações no espaço pesquisado. Como procedimentos de produção e coleta de dados, foram realizados o levantamento documental, as observações participantes (Boni; Quaresma, 2005) com registro em diário de campo (Gerhardt, et. al, 2009) e posteriormente, entrevistas semiestruturadas (Guazi, 2021; Triviños, 1987) com três *hip-hoppers* que atuaram como interlocutores deste estudo.

Os entrevistados foram MC *Grito*, Frizzy e Fernanda, e o objetivo ao captar seus relatos foi de compreender os processos de formação musical a partir de suas vivências e experiências com a Batalha do Nova. A relação com os participantes se deu de maneira colaborativa, transparente e respeitosa, além do registro e coleta de materiais audiovisuais, com a formalização por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo assim, com todos os procedimentos éticos para realização da pesquisa, além da garantia do anonimato de suas identidades (Rocha, 2021).

Ao situar metodologicamente a pesquisa no campo etnográfico, foi possível compreender como o espaço de análise, mais precisamente, a Praça do Nova, compreende

dinâmicas e especificidades que o constitui como lugar, considerando seus dilemas e implicações, pois “a cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência” (Eckert; Rocha, 2003, p. 1). O/a pesquisador/a, portanto, se capacita em sua inserção investigativa em exigências de rigor imbricadas no contexto da vida urbana (p. 4).

Resultados

A compreensão das batalhas de rima como práticas de reexistência e de produção de territórios é evidenciada no relato dos interlocutores, a partir do espaço da Praça do Nova. O lugar é narrado como "lar" pelos *hip-hoppers*, que a ocupam não apenas como equipamento público, mas como espaço para o fazer artístico e como principal rede de sociabilidade entre eles e a comunidade. A praça, então, é ressaltada como espaço democrático e de aglutinação de pessoas (Herschmann, 2005) e, para os interlocutores, é nesse lugar que se expressam novas redes de afeto e afetações, vínculos e engajamento: *"tem muita gente no mesmo lugar que nós e a gente têm algo em comum com essas pessoas para estar no mesmo lugar que nós escolhemos estar"* (Frizzy, entrevista concedida em 28/03/2025).

O vínculo com o espaço levou os *hip-hoppers* a exercerem uma "territorialidade de persistência" ao zelar pela praça e reivindicar melhorias estruturais, contribuindo para transformar a percepção da própria comunidade sobre o local, o que se evidencia quando MC Grito que mencionam eles viram o lado positivo que a Batalha trouxe para a praça (MC Grito, entrevista concedida em 11/04/2025). Nesse processo, ocorrem práticas de circulação de experiências, saberes e ações coletivas (Silva; Oliveira; Malfitano, 2019), por meio das quais a batalha deixa de ser apenas um evento artístico-cultural e passa a constituir um espaço de organização comunitária e de fortalecimento dos vínculos entre juventude, música e território.

Nesse sentido, quem frequenta a Batalha do Nova, expressa, no uso e ocupação da praça, uma construção coletiva da concepção do espaço e transformação deste para um lugar imbuído de significados e afetos, assim, apropriam-se “dos lugares, recursos, trunfos e atributos territoriais criando laços de pertencimento ao território(s) e entre ‘nós’ através do território” (Pereira, 2020, p. 126).

A concepção do “estar” no território, se destaca, na fala dos entrevistados a partir do reconhecimento deles no local que ocupam, destacando não só o pertencimento ao *“pedaço”,* mas também, da construção de suas identidades como jovens periféricos, que socialmente e artisticamente, constroem e validam quem são, pois: “a experiência social compartilhada do sentir-se periférico é fundamentalmente urbana” (D’Andrea, 2013, p. 139).

Os resultados também evidenciam que a dimensão formativo-musical das batalhas de rima está diretamente relacionada à experiência territorial vivida pelos participantes. A aprendizagem não se limita ao desenvolvimento da improvisação, da performance ou da construção poética das rimas, mas envolve processos de escuta, convivência, reconhecimento das diferenças, elaboração de identidades e produção de pertencimento.

Por meio da arte, os *hip-hoppers* amadurecem musicalmente, do mesmo modo que engajam sua defesa do território. A dimensão formativo-musical, ocorre, em uma pedagogia urbana que envolve os processos de ensino diretamente com o espaço da “rua”, ressaltando a compreensão da práxis musical intrínseca à cidadania e apropriação territorial: *“[...] o que a gente propõe, as coisas que os meninos querem passar da realidade deles, o que eles querem mostrar… construir, realmente está sendo passado, porque onde a gente faz acontecer, na rua, a galera para e presta atenção de fato [...]”* (Fernanda, entrevista concedida em 28/03/2025).

Assim, os processos de formação musical se dão em rompimento com bases hegemônicas do ensino tradicional, revelando que saberes vinculados e forjados no berço de culturas urbanas como o hip-hop, abarcam conhecimentos tão conectados e consistentes em seus fundamentos, quanto os modelos convencionais.

> Os processos de Educação Musical no movimento Hip Hop constituem, deste modo, uma cultura de resistência aos modelos hegemônicos de cultura e ensino, perpetuando os saberes ancestrais, os valores civilizatórios afrobrasileiros e as identidades culturais afrodiaspóricas. Portanto, as práticas de Educação Musical nesses espaços populares de cultura negra contemporânea são de suma importância para a afirmação dessas identidades e fortalecimento das culturas e dos saberes populares e, nesse caso, os saberes das ruas (Silva, 2018, p. 33).

Nesta perspectiva, as batalhas de rima também agem como vetores para que ocorram processos de ensino e aprendizagem em música afro referenciados. Para Souza (2023), tomando como ponto de reflexão a escrevivência de Conceição Evaristo, são em

movimentos como o hip-hop que pessoas negras se conectam com sua ancestralidade, por meio da música, ao passo que expressam corporeidades e vivências reais do sujeito negro no Brasil (Souza, 2023, p. 6).

Ao ocuparem coletivamente a praça, os jovens transformam um espaço urbano em território de formação, onde música e experiência social tornam-se indissociáveis, reafirmando o hip-hop como prática cultural capaz de produzir reexistência frente às desigualdades que atravessam as juventudes periféricas, pois "apropriar-se simbólica e culturalmente de lugares é parte constitutiva do exercício espacial do poder, do saber e do ser, o que se dá sempre em assimetrias de forças" (Pereira, 2020, p. 126).

Considerações finais

Compreender as batalhas de rima a partir da territorialidade permite reconhecer que a dimensão educativa do hip-hop extrapola os limites da aprendizagem musical em sentido estrito. A produção do território, os vínculos estabelecidos com o espaço e as relações construídas entre os participantes constituem elementos centrais dos processos formativo-musicais que emergem nesses contextos.

Nesse sentido, pensar na perspectiva da reexistência, é refletir sobre como o espaço das batalhas de rima, impulsionam a formação e afirmação de juventudes periféricas, por meio da relação que constroem com o local, desse modo, a partir de seu fazer musical territorializado, o contexto da Batalha do Nova evidencia como as práticas musicais desenvolvidas por jovens periféricos articulam criação artística, pertencimento, participação social e resistência, produzindo e ressignificando o espaço público ao fortalecer identidades coletivas. A praça deixa de ser apenas cenário das batalhas para tornar-se território vivido, construído e continuamente reivindicado por aqueles que o ocupam.

Por fim, este estudo contribui para ampliar os debates da Educação Musical ao evidenciar que processos de formação também acontecem em contextos culturais não escolares, nos quais música, território e experiência social se constituem de maneira inseparável. As batalhas de rima revelam, assim, a potência do hip-hop como prática formativo-musical comprometida com a produção de pertencimento, cidadania e transformação social.

Referências

ANDRADE, Elaine Nunes de. Hip Hop: movimento negro juvenil. In: ANDRADE, E. N. (Org.) *Rap e educação, rap é educação.* São Paulo: Summus, 1999, cap. 6, p. 83-92.

BENTES FILHO, Giovanni Roberto Protásio; PINHO, Rudá Silva de. Um nova natal, um novo lugar: memórias e representações de um conjunto habitacional. *Bilros*, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 25-39, jan.-jun. 2014.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Em Tese,* v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/18027/16976/56348. Acesso em: 14/08/2024.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo.* 2013. 295 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Trad. Rane Souza, 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum, *Chicago*, v. 1989, n. 1, p. 139–167, 1989. Disponível em: https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8. Acesso em: 17 ago. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review,* Stanford, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, jul. 1991. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1229039. Acesso em: 17 ago. 2025.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160 . Acesso em: 14. jan. 2025.

GERHARDT, Tatiana Engel; RAMOS, Ieda Cristina Alves; RIQUINHO, Deise Liboa; SANTOS, Daniel Labernarde dos. Unidade 4 - Estrutura do Projeto de Pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.) *Métodos de Pesquisa.* UAB/UFRGS; SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 4, p. 65-87.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. Revista Educação, *Pesquisa e Inclusão*, v. 2, p. 1-20, 2021. Disponível em: https://revista.ufrr.br/repi/article/view/e202114 . Acesso em: 14 de ago. 2024.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 395 p.

HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*, 2. ed., Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

LARCHERT, Jeanes Martins. O estudo de caso do tipo etnográfico na pesquisa em educação. In: MORORÓ, L.P., COUTO, M. E. S., e ASSIS, R. A. M., orgs. *Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias [online]*. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 123-141.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. *Anuário Antropológico,* v.38, n.2, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Antropologia urbana: desafios e perspectivas. *Revista de Antropologia da USP,* São Paulo, vol. 59, n. 3, p. 174-203, 2016.

NETO, Nelson Turra. Movimento hip-hop do mundo ao lugar: difusão e territorialização, *Revista de Geografia* - número especial, v.1, p.1-11, 2013.

PEREIRA, Edir Augusto Dias. A territorialidade e a resistência: subscrição de um conceito, *Boletim Campineiro de Geografia,* v. 10, n. 1, 2020.

PEREIRA, Jaqueline Trindade; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Lutas e Saberes em Histórias de Casas de hip-hop no Brasil. *Currículo sem Fronteiras*, v. 23, e. 1105, 2023.

PINHEIRO, Leandro Rogério. Individuação em periferias e apropriação da educação: considerações desde a produção de narrativas. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 27, n. 1, jan./mar., 2020.

ROCHA, Luís Renato Nogueira da. *Sobre como o poder público resolve a questão da moradia: a urbanização, a remoção e o reassentamento de favelas em Natal/RN (2001 – 2017)*. Natal, 2018. 121f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos Urbanos e Regionais. Natal, 2018.

ROCHA, Virginia. Da teoria à análise: Uma introdução ao uso de entrevistas individuais semiestruturadas na ciência política. *Revista Política Hoje*, abr. 2021.

ROSE, Tricia. *Black noise: rap music and black culture in contemporary America.* Hanover: Wesleyan University, 1994.

SILVA, Djenane Vieira S. *"Uma fita de mil grau": o movimento hip-hop na construção de identidades culturais e afrodiaspóricas.* 155 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SILVA, Marina Jorge da; OLIVEIRA, Marina Leandrini; MALFITANO, Ana Paula Serrata. O uso do espaço público da praça: considerações sobre a atuação do terapeuta ocupacional social. *Cad. Bras. Ter. Ocup*., São Carlos, v. 27, n. 2, p. 438-447, 2019.

SILVA, Michael Guedes da. *Etnografando a Batalha do Vinho: Uma análise da Cena dos Duelos de MCs face à Estrutura Social Brasileira.* 352f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performing and listening*. Hanover: University Press of New England, 1998.

SOUZA, Stefani Silva. A encruzilhada do saber artístico-musical enquanto potência pedagógica crítica a partir da escrevivência do sujeito negro periférico. In: XXVI Congresso Nacional da ABEM. *Anais…* Ouro Preto, Minas Gerais, 2023.

TOSTES, Taís Rodrigues de Souza. *Territorialidades no espaço público urbano: uma análise de praças na cidade de Vitória (ES).* Vitória, 2017. 101f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes. Vitória, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.